



NOS DIÁRIOS DE PROCESSO A INVENÇÃO DE UM CORPO OUTRO

LUNA LUIZA PASSUELLO GIRÃO LINO¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – lunagirao@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo parte da reflexão desenvolvida junto ao projeto de pesquisa *OBJETOCOISA – Reflexos Sobre a Criação e Produção de Materialidade na Arte* (CNPq-UFPel), coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, com incentivo de Bolsa de Iniciação Científica FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul). O projeto visa a investigação sobre os objetos cotidianos a partir do campo da Arte, explorando seus desdobramentos e dimensões poéticas a fim de articular produção de sentido, subjetividade e implicações sobre o corpo e o meio. Iniciamos a pesquisa com levantamento de referências, na procura de debates poéticos-filosóficos, fomentados por pensamento crítico ao meio de atuação que ocupo como professora em formação, que também explora possibilidades de produção e reflexão como artista. O conhecimento produzido a partir da experiência com a arte traz à tona a memória, memória essa que aproxima e gera pertencimento. Dessa forma é importante dizer que é desse lugar de estudante de Artes Visuais Licenciatura, o de professora-artista, que essa pesquisa parte. Dentro do meu campo de interesse estão as questões acerca do corpo e suas formas de apresentação na Arte Contemporânea. O corpo como matéria plástica e de expressão na arte. Para isso, a pesquisa sobre o corpo hoje e seus diversos embates com a vida e as formas de existir e resistir. Seja na vida, na arte ou no campo da educação, ou melhor todos juntos, sempre há um corpo que intervém, experimenta, age e se relaciona com o mundo e com os outros. Compreender o corpo é para mim o princípio de conhecimento de quem somos nesse mundo. Como ressalta Souza (2019, p. 119), hooks¹ traz a dimensão do sofrimento inscrito no corpo de quem fala como um componente primordial para a construção de conhecimento. Paul B. Preciado, filósofo e escritor transgênero, discute conceitos e ideias a partir de suas experiências pessoais. Em *Testo Junkie – sexo, drogas e biopolítica na era da farmacopornográfica* (2008), o autor narra seu tratamento hormonal a base de testosterona como um ensaio corporal, uma pesquisa de uso, expondo as transformações sensoriais corpóreas que atravessava. Paul defende que o livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária. Em sua filosofia, destaca que hoje não há nada inteiramente natural ou artificial, aludindo Donna Haraway em *A Cyborg Manifesto* (1985). Na exposição da vulnerabilidade e fragilidade de um corpo-máquina, explorando liberdade sensorial em contraposição de amarras e violências biopolíticas de controle do corpo, é disso que sua filosofia é formada.

bell hooks – Gloria Jean Watkins, autora estadunidense, professora, militante do movimento negro, teórica feminista e crítica cultural – é conhecida por seus escritos que submergem o leitor com discursos que incentivam a autonomia do

¹ Em homenagem à sua avó, bell hooks adotou este nome e escolheu o assinar em suas obras com letras minúsculas como posicionamento para romper regras acadêmicas.



corpo, valorizando sentimentos e paixões, características plenamente humanas, com uma abordagem abrangente do ser indivíduo e seu contexto, contra a dicotomia entre corpo e mente.

O entendimento do corpo é sempre histórico. Visto como corpo para os gregos, carne para os cristãos. O fato é que o corpo está sempre em vias de atualização de como é percebido por seu tempo. Na arte o corpo é visto como potência plástica, indefinido e indefinível, suporte, instrumento e máquina de sentidos.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, parto do uso da metodologia autoetnográfica, qual realizei análise sobre meus desenhos e escritos desenvolvidos nos diários de processo (2015-2022). Como referencial teórico desta metodologia realizei a leitura de Contribuições Possíveis da Etnografia e da Auto-Etnografia para a Pesquisa na Prática Artística de Sylvie Fortin (2006). Paralelo à análise dos cadernos, realizei o estudo bibliográfico de autores que pesquisam o corpo e suas configurações, o ensino, e práticas artísticas. No meu trabalho busco explorar os incômodos que a distorção de imagem proporciona, até onde e como ela se estende. Procuro pensar no corpo presente no reflexo, presente em vestes, em objetos, em projeções. Por vezes, na existência de um corpo não convidado, não bem-vindo, não compreendido. Ouso dizer que nunca ausente. É uma pesquisa de tato quase que visceral. Esta exige que através de experiências pessoais seja possível traçar uma poética, exige também que dentro das diversas versões de corpos gerados aos meus olhos ao menos uma se faça compreendida. Portanto, a arte proporciona a experiência com a liberdade de criação e invenção de si. Como pessoa, futura professora e artista, procuro me guiar nessa liberdade, ao compreender que ela também proporciona o descondicionamento do sujeito, pela capacidade de gerar quebra de cânones e rupturas com pensamentos e comportamentos hegemônicos.

Acredito que a memória é uma grande aliada para o artista, é ela que media, que molda percepções e alcança tempos diferentes. O *familiar-diferente*, o *outro corpo* inventado frente ao espelho. Dessa forma me apoio no uso dos livros, diários de processo como aparatos de criação, atelier portátil e plataforma de duração, memória impressa em papel. Trabalho com cadernos de desenho desde a adolescência, acabo por tratá-los como diários – pois as listas de compras para o mercado ou anotações de aulas me reafirmam essa ligação ordinária com a vida. Cruzaram alguns lugares do Brasil, servindo como um mapa de vestígios. Reconheço cada período por paixões e anseios contados, reconheço o cheiro e manchas das páginas. Nestes cadernos, encontro retratos de reflexos negados, cobertos por um olhar turvo. Coleciono extensões de uma carne-desenho fragmentada em imagens dismórficas, e hoje, os corpos inventados ocupam linguagens além dos vários cadernos que criei.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2022, desenvolvi o editorial sala 14 (Figuras 1 e 2) junto aos artistas Carlos Roveré e Gustavo². Um aquário cujo cenário artificial envolve uma pele expandida, densa. Para o figurino deste ensaio, utilizei a peça nomeada *vestidinho*, a qual

²Conheça mais: Carlos Roveré - be.net/azlcr e Gustavo - instagram.com/pvatsug/



idealizei nos cadernos em 2020. Um vestido feito de bexigas cheias de ar, um vestido que envolve volume paralelo ao sensível, cujo menor atrito possui o potencial de ferir a superfície, salientando a fragilidade, na eminência de uma explosão, um estouro, uma ferida aberta. Quando o objeto-roupa é colocado em uso, a proposição é que a pele humana se estenda ao vestido – este agora, não somente vestuário, mas uma ideia de corpo expandido –, tal modo que movimento das bexigas explore as possíveis dobras da pele, suas camadas e mutações, questionando o que pode-se ter por auto-imagem, pele e humano.

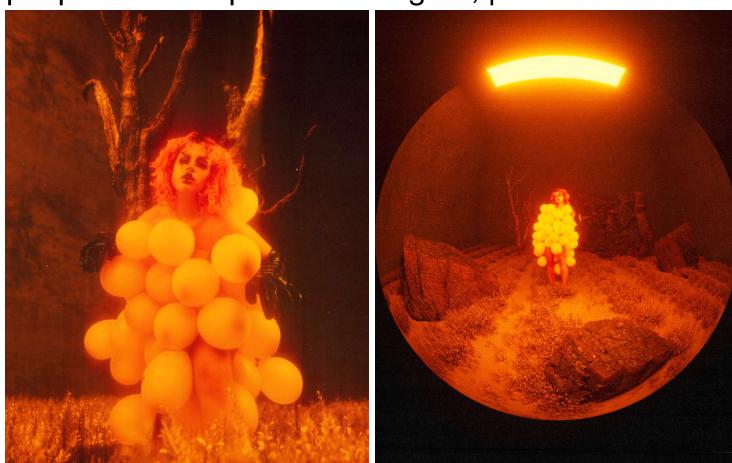


Figura 1 e 2 - Luna, Carlos e Gustavo, 2022. Editorial, sala 14. Fonte: acervo da autora.

Num outro trabalho, na performance *Pele* (2020) (figuras 3 e 4), metros de fio de arame são enrolados em meu corpo como se estivesse a vestir peças de roupas. O ato de vestir encerra quando a mobilidade chega ao seu limite, uma vez que o corpo foi absorvido pela tensão. O arame, por sua vez, cria memória, se inscreve no corpo com marcas, dobras, limites. Na ausência física do arame, o que resta é o vestígio da sua pressão na pele, uma memória que passa a ser apagada. Uma memória enfim dissolvida.



Figura 3 e 4 - Pedro Paiva, registro performance *Pele*, 2020. Fonte: acervo da autora.

Os diários de processo, que hoje compõem uma coletânea, passaram a ser entendidos dentro do universo dos livros de artista, resultam como um estrato da produção artística. É nos diários de processo que se gera a possibilidade e a



intenção é ensaiada do decurso dos dias. No campo dos Livros de artista (SILVEIRA, 2008), os diários de processo enquanto objeto de estudo, exigem uma leitura sensível, oferecendo a chance para relacionar experiências pessoais, artísticas e até educacionais, além de confrontar diferentes percepções. Em Caixa-Preta, o artista e designer Fábio Henrique, se apropria de seus sketchbooks na missão de investigá-los como porta-voz de memórias de homens com transtornos alimentares, direcionando suas vivências para a pesquisa artística. Um trabalho que demanda leitura íntima e delicada, são anos transcritos em folhas que agora formam um livro. Fábio relata que ao revisitar memórias e ser mediado pelos diários, enxergou a compreensão do passado como uma ferramenta para a constituição do presente e futuro.

4. CONCLUSÕES

Na busca por compreender as aflições expressas em meu trabalho, abracei a provocação do meu amigo Fábio e percorri reclusa a leitura nos mais de vinte cadernos que compus. Reconheço o poder que a mediação que os diários têm de tomar e dominar a atenção, de nos transportar pelo que a memória carrega consigo. Na minha produção, os diários de processo resultam como portadores iniciais da procura e criação de outros corpos, tema que defendo neste trabalho. Com caráter de ferramenta de mediação e pesquisa artística, os livros de artista se vinculam a momentos de aprendizagem e produção de subjetividade.

Ao questionar os limites da pele, percebi não somente a presença de novas possibilidades de corpos, mas também a redescoberta do que já era presente, no entanto, adormecido. As provocações tornam possível ser sobretudo pele, ser superfície, consciência sensorial da memória do corpo. Tatear onde absorve, onde expande. Trazendo, desta maneira, subjetividades à tona.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRECIADO, P. B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Haraway, D.; Kunzru, H.; Tadeu, T.; Antropologia do Ciborgue - **As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

HOOKS, b. **Ensinando a Transgredir - Educação como prática de liberdade**. São Paulo: wmf martinsfontes, 2013

Fortin, S., & Mello, T. H. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena**, (7), p. 77-88, 2009.

SOUZA, F. de A. O saber-corpo e a busca pela descolonização da saúde coletiva. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 189-202, 2020.

Rodrigues, F. H. C. **Caixa-Preta** (2021). Monografia (Design Gráfico) – Universidade Federal de Pelotas.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008